te produtividade, somadas à alta qualidade dos grãos, podem significar uma retomada do espaço brasileiro de produção no cenário do abastecimento, há muito ocupado pelos países exportadores. Por outro lado, as novas variedades do Centro-Oeste representam uma nova pressão para a comercialização das variedades gaúchas, cujos custos de produção são muito maiores.

Essa possibilidade levou entidades associativas do Rio Grande do Sul, ligadas à produção e ao beneficiamento, a estudarem uma forma de diferenciação do produto gaúcho, numa tentativa bastante compreensível de protegê-lo. A idéia seria criar uma nova campanha de divulgação sobre a qualidade superior do arroz gaúcho, rotulando-o com um selo de qualidade nas embalagens. Resta saber por quem os produtores iriam optar, caso os produtores do Centro-Oeste tivessem condições de fazer uma campanha semelhante.

As projeções do governo, por sua vez, estão razoavelmente otimistas. Espera-se um crescimento de quase 10% em relação à safra 1997, enquanto o consumo praticamente se estabiliza no mesmo período.

ELIANA CONDE BARROSO LEITE
E-mail: elileite@fgv.br

FEIJÃO

SAFRA de VERÃO

À espera de El Niño

Os produtores estão desanimados com o último resultado econômico da lavoura, considerado fraco em razão de uma oferta abundante por todo o país. Isso desestimula o plantio da próxima safra das águas. Tudo irá depender, no entanto, do que acontecerá com o clima nos próximos três meses em função do fenômeno El Niño.

O recente desempenho da comercialização do feijão não foi dos mais animadores. As boas colheitas que vêm sendo obtidas em inúmeras regiões produtoras disseminadas por todo o país condicionaram uma baixa no mercado, o que poderá ter efeito negativo no plantio da próxima safra. Estas últimas safras correspondem, no calendário convencional, à segunda e à terceira safra anual da leguminosa.

As informações, no entanto, não têm sido unânimes. Para o Deral, órgão ligado ao planejamento agrícola do estado do Paraná, é provável que haja até uma pequena expansão na área de plantio do estado em 1998. O Paraná é o principal estado produtor da safra das águas e contribuiu, em 1996 e 1997, com 30 e 25% dos totais produzidos nos plantios de primeira época de cada um desses anos.

A perspectiva do Deral é de que sejam cultivados cerca de 473 mil hectares no estado, o que significa um acréscimo de 5% sobre a área plantada em 1997, que totalizou 448,2 mil hectares. Apesar da variação positiva, a área ocupada com a lavoura vem decaindo sistematicamente nesse estado ao longo dos últimos anos, resultado de um processo de expulsão da atividade dos produtores mais vulneráveis às inúmeras dificuldades estruturais inerentes a esse setor. Isso pode ser constatado pela tendência inversa à da produtividade, que tem apresentado ganhos paulatinos no decorrer dos anos. Só permanece na atividade quem investe um pouco mais em tecnologia, tentando maximizar sua eficiência econômica (ver tabela). Ainda assim, a produtividade física no Paraná, atualmente em torno de 832kg/ha, embora substancialmente maior que há 10 anos, ainda está muito aquém do potencial genético das variedades melhoradas indicadas pela Embrapa para sistemas de alto padrão tecnológico. Tais variedades têm-se mostrado capazes de fornecer de 3 mil a 5 mil kg/ha do grão.

Os preços do feijão-preto, por sua vez, têm sido mais atraentes e deveriam, em tese, estimular o plantio em regiões tradicionais, como Capanema e Bom Jesus da Lapa. Na última safra das águas, 57% da produção paranaense foram de feijão de cores e 43% do preto. O plantio inicial para o feijão-preto foi praticamente equivalente ao do outro, ficando a queda por conta da perda posterior de 10 mil hectares de feijão-preto. Entretanto, segundo algumas cooperativas que atuam com o feijão-preto, a intenção de plantio mesmo para essas variedades este ano é fraca. A cultura é considerada difícil (em termos de custo) e vulnerável (em termos de preço). Nesse caso as cooperativas apontam uma opção pelo milho, cujos custos de produção são bem menores.

El Niño assusta

A maior novidade este ano para a região Sul, no entanto, está por conta

Paraná — feijão — safra das águas
Área, produção e rendimento — 1987-97

Ano	Área (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)
1987	705.200	370.050	540
1988	695.709	431.972	621
1989	465.623	180.427	387
1990	493.604	247.533	501
1991	575.000	305.000	530
1992	516.363	402.505	780
1993	501.680	417.991	883
1994	516.255	456.239	884
1995	407.355	352.790	866
1996	504.583	403.434	800
1997	448.200	373.000	832

Fonte: IBGE.

Brasil — evolução das safras de feijão
Em mil t — 1989-96

Ano	Safra das águas	Safra da seca	Safra irrigada
1989	1.069.914	1.038.932	199.509
1990	1.106.169	927.788	199.182
1991	1.382.869	1.112.754	253.560
1992	1.552.605	1.018.920	227.711
1993	1.343.095	853.509	282.963
1994	1.676.889	1.394.164	297.377
1995	1.386.072	1.311.259	248.936
1996	1.328.702	1.283.406	210.359
1997	1.464.421	1.234.544	243.282

Fonte: IBGE.

das previsões climáticas nada otimistas decorrentes do fenômeno El Niño. Este fenômeno, que consiste basicamente num aquecimento anormal das águas do Pacífico equatorial, poderá trazer problemas durante a fase de colheita do feijão na região. Na região Sul está concentrada quase a metade da produção total da safra das águas: Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul participaram com 48% da produção desta época em 1997.

Segundo o *Infoclima*, boletim de informações climáticas do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), todos os parâmetros indicam que El Niño está bem configurado, como aconteceu no episódio de 1982/83. Segundo o informe, a evolução do evento é ímpar quanto à rapidez e à precocidade do aumento de temperatura na superfície do mar, que junto à costa oeste da América do Sul está 5° acima da média. Com base nesses dados, os modelos de previsão climática do Centro Nacional de Previsões Ambientais dos EUA e do próprio Inpe prevêem para o próximo trimestre chuvas acima da média no Sul do Brasil.

Isso poderá implicar chuvas intensas em novembro/dezembro, que seria justamente a principal época de colheita do feijão das águas na região Centro-Sul. Como se sabe, chuvas em excesso podem causar enormes danos econômicos quando coincidem com a colheita, uma vez que os grãos, já em fase de maturação, e portanto em decréscimo de umidade, rapidamente ganham umidade, brotam e mofam, causando grandes perdas.

Assim, além do desânimo causado nos produtores pelos preços ruins, nota-se um temor com relação aos efeitos do El Niño, o que vem provocando uma inibição no plantio. Segundo cooperativa de Francisco Beltrão, uma das principais regiões produtoras do estado, a intenção dos cooperados é reduzir em 50% a área de plantio, tanto em função das dificuldades de comercialização quanto da grande possibilidade de chuvas na colheita.

Pronaf — pouco amparo para os produtores de feijão

O Programa de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) ainda não deslanchou na cultura do feijão. Os recursos para custeio do Pronaf este ano estão sendo oferecidos a 6,5% de taxa efetiva (sem incidência de TJLP); mesmo assim, não parecem atrair os produtores de feijão, normalmente pequenos e sem acesso a crédito bancário. Na safra passada, para se ter uma idéia, apenas 42,9 mil hectares — pouco menos de 10% da área total no estado — foram custeados com recursos do Pronaf, num total de R$16,6 milhões.

A Secretaria de Agricultura do estado, no entanto, deseja ampliar a parcela a ser financiada com recursos do Pronaf para 20% da área de plantio na próxima safra, que começa a ser plantada em agosto. Está sendo elaborada uma cartilha para o produtor rural, em linguagem bastante acessível, a fim de encorajar o agricultor a tomar os recursos.

O baixo índice de utilização de crédito rural também ocorre em Santa Catarina, estado minifundiário onde já chegaram a ser plantados 530 mil hectares de feijão. Hoje, a lavoura não ultrapassa 250 mil hectares. Para a safra 1997/98, ainda não existem estimativas numéricas, mas os produtores também estão desanimados com a cultura.

Em São Paulo, o plantio está atrasado devido à seca, e a intenção de plantio também não é das mais fortes. Entretanto, nesse estado os produtores possuem perfil mais tecnificado, o que lhes permite manter-se satisfatoriamente na atividade. Além disso, as perspectivas de seca no Nordeste e chuvas no Sul devido a El Niño podem significar uma recuperação dos preços na próxima comercialização, o que é um fator de atração. Isso vale também para os demais estados, onde não estão sendo esperados problemas climáticos devido ao fenômeno. Fora as regiões Norte, Nordeste e Sul do Brasil, onde se concentrariam os problemas climáticos, o feijão das águas é plantado em todos os estados das regiões Sudeste e Centro-Oeste. Nestes estados, talvez valha a pena apostar.

Para maiores informações sobre projeções climáticas e El Niño, consulte o boletim *Infoclima* no endereço http://www.inpe.gov.br

ELIANA CONDE BARROSO LEITE
E-mail: elileite@fgv.br